



Auto-Grafando

(Eles têm muito a dizer)

Ano 3 | Número 3 - novembro de 2016

Auto-Grafando

(Eles têm muito a dizer)

Ano 3 | Número 3 - novembro de 2016

Apresentação

Auto-Grafando é uma revista nascida de um princípio básico vivido diariamente na Aldeia – o respeito à autoria. Nossa eterna mestra, Lúcia Cantarino Gonçalves, idealizou uma escola assim e nos ensinou a sermos autores de nossas aulas, de nossos projetos, de nossos sonhos. Ela sempre dizia que a escola não era montessoriana ou piagetiana, o método era “aldeano”, expressão de autoria dela e que reflete um espaço que privilegia a criação, o indivíduo, a autonomia.

Impossível não fazer essa retrospectiva nesse momento tão especial. E digo especial não por ela não estar mais presente fisicamente, mas sim por estar tão presente. Para onde olharmos, veremos suas ideias, suas palavras, seus ensinamentos, seu legado. Ao contemplar a revista Auto-Grafando pronta para ser impressa, mais uma vez vi que Lúcia continuava aqui falando mansinho: “Vamos ouvir nossos alunos, eles têm muito a dizer”.

E o resultado dessa escuta atenta e respeitosa é a 3ª edição dessa revista que tem, cada vez mais, a cara da Aldeia Curumim.

Boa leitura!

Mônica Scheer

DONA LÚCIA



Você deixou saudades
Saudades de te ver
E olhar nos seus olhos
E enxergar seu ser.

A vida passa rápido
Tenho muito que aprender
Com você no meu coração
Nunca posso me perder.

Sua boca vi sorrir
Seus olhos vi brilhar
Saiba de uma coisa,
Sua lembrança nunca vai passar.

Tanto amor sinto por ti
Parece que vou explodir
Seu brilho me contagia
Com sua força e magia.

A todos ensinou
Um pouquinho de você,
Só coisas bonitas
O resto é só crer.

Laura Queiroz (27/7/16 - 6º ano)

Sumário

Matéria de Poesia – 6º ano

4

Nem só de cartolas e coelhos
vivem os mágicos – 7º ano

14

Um pouquinho de tragédia, um
pouquinho de comédia – 8º ano

22

Em quantos contos
me encontro? – 8º ano

28

Matéria de Poesia



Já dizia Manoel de Barros, poeta mato-grossense centenário desse ano, que “os poetas podem compreender o mundo sem conceitos”, “refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto” e “devem aumentar o mundo com suas metáforas”.

E foi isso que nossos alunos aprenderam no curso de Formação do Leitor. Não existe um jeito certo de fazer poesia... Tem um tema definido? Precisa ser algo que já aconteceu? Só pode falar de coisas grandiosas, importantes, bonitas? Precisa de rima? Há um número certo de versos? E de estrofes? Que nada! A poesia é a expressão da liberdade em palavras e, aos poucos, elas vão se transformando diante de nós em imagens e até lembranças, que mais valem serem sentidas do que entendidas.

Aqui você mergulhará um pouquinho nos sonhos, nas lembranças, nos sentimentos, enfim, no universo de nossos alunos do 6º ano.

Aqui suas palavras tornam qualquer tipo de fantasia em realidade, “qualquer absurdo em sensatez”.

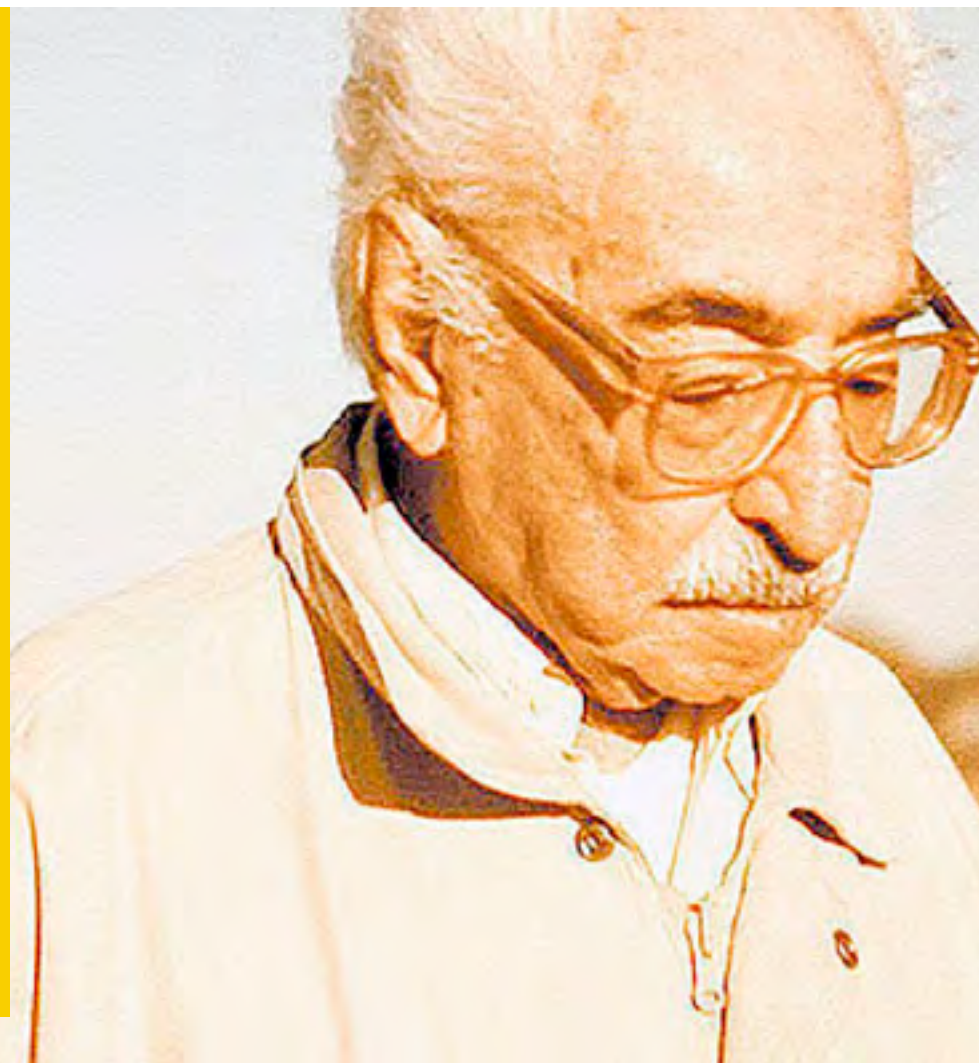
Aqui eles “entesouraram frases” e aumentaram um pouquinho mais o mundo com suas metáforas.

(Ivi Barile)

Retrato do artista quando coisa

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

(Manoel de Barros)



Dias irados

Minhas férias adorei,

Pois brinquei e zoei

De bike andei

GTA joguei

No shopping patinei

E na praia nadei.

No cinema, a um filme assisti

Na ladeira desci

Ah! Quanta felicidade senti!

(Luan)

A viagem

O pássaro alto voa

Voa, voa lá no céu

Tanto alto que ele voa

Vai pousar lá em Israel.

Depois disso, cansadinho,

Pro Sul tem que voltar

Por causa de seus filhinhos, sua mulher

E também de seu lar.

(Alexandre)

O lugar onde vivo

Na Av. João Mendes
Morá muita gente
E tem uma barraca
De cachorro quente

Lá perto tem uma padaria
E do lado uma sorveteria
Quando passo dá vontade
De gritar "Que alegria!"

Depois tem o mercado
Onde meu avô para o carro
Para comprar melado

Tem também uma locadora
Minha avó fica tão louca
Quando eu paro e coloco a touca.

(Rafaela)



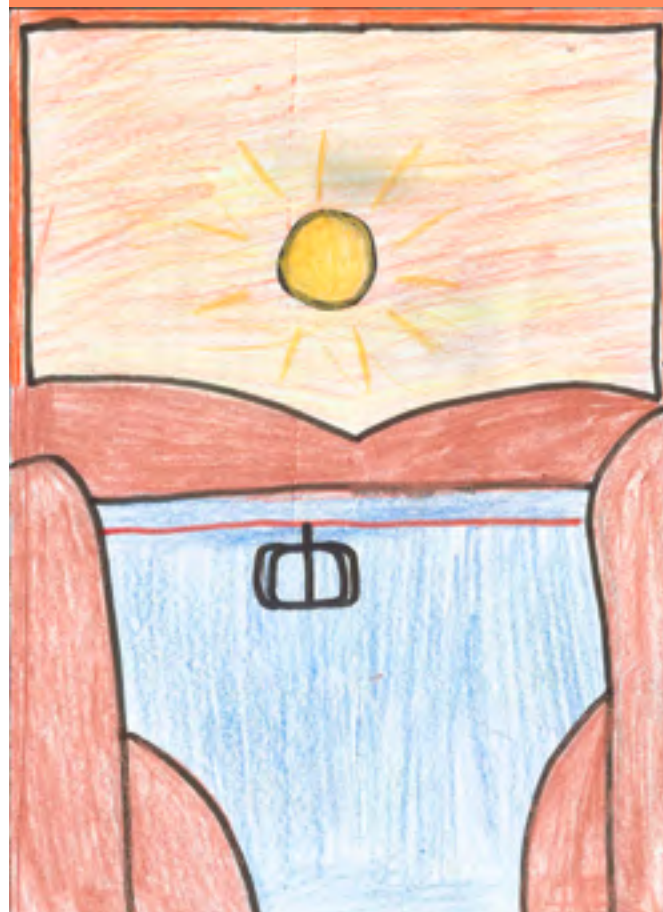
Rio de Janeiro

Onde vive o mundo inteiro
Rodeado de amor e calor o ano inteiro

Linda cultura, a cultura do povo brasileiro,
Que possui urucum, samba e pandeiro

Cristo Redentor, pai da nossa raça
E dono de toda a nossa graça.

(Maria Clara)



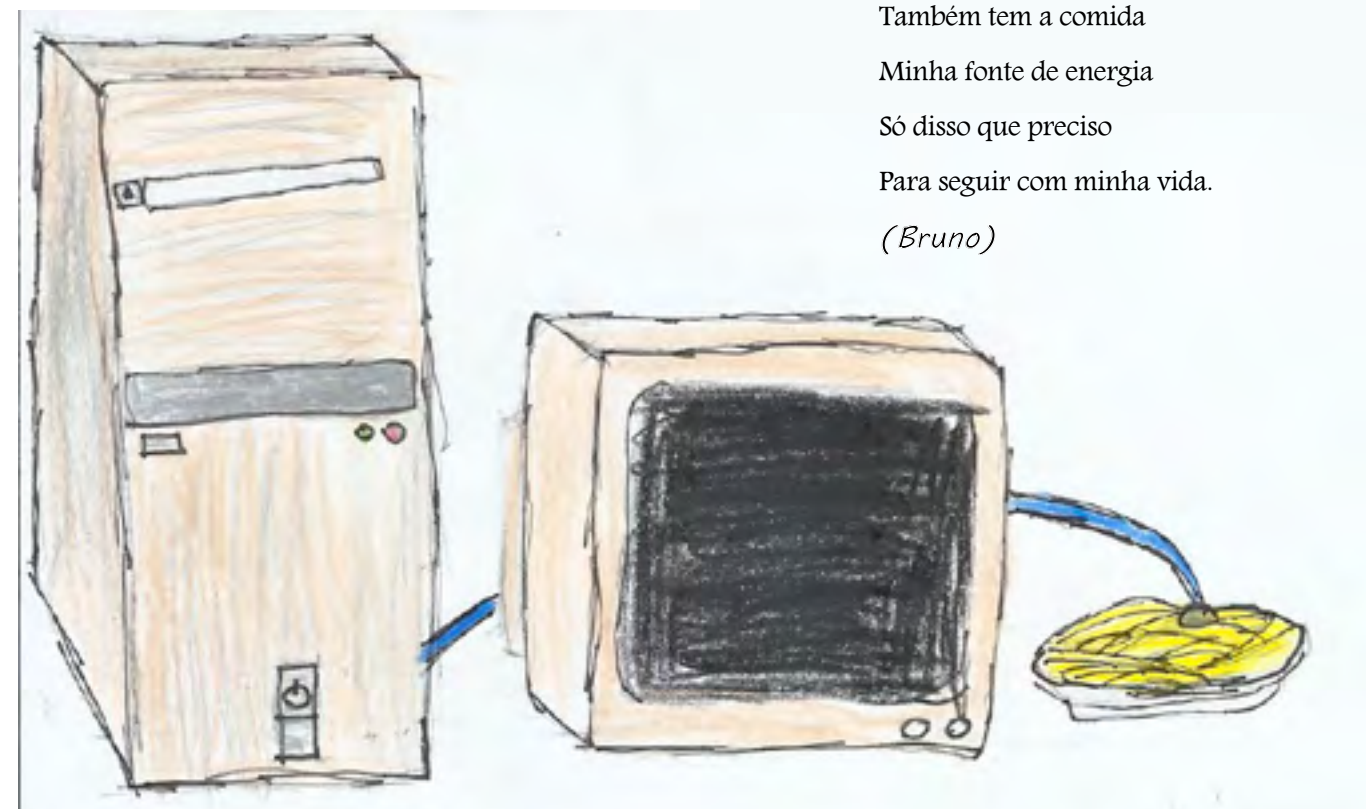
Meu lar

No lugar onde vivo,
Há muitas casas em massa,
Cachorros grandes e pequenos,
E também de toda raça.

No lugar onde vivo,
Não há árvores de montão,
Mas que pena,
Assim há mais poluição!

O Estado onde moro,
Nem é tão grande assim,
Comparado a São Paulo,
É pequenino sim!

O lugar onde moro,
Adoro!
(Laura)



Meu boneco

Meu boneco de pelúcia
Meu brinquedo favorito
Se chamava Luiz Roberto
E era muito bonito

Dentro da minha mochila
Viajava sem parar
Um amigo especial
De quem sempre irei me lembrar
(Luiz Eduardo)

A minha casa

A minha casa é incrível
Tem minha cama e meu PC
Só disso que preciso
Para me satisfazer

Também tem a comida
Minha fonte de energia
Só disso que preciso
Para seguir com minha vida.
(Bruno)

Onde eu vivo

No lugar onde vivo

Tem árvores compridas e floridas

É um lugar muito lindo

Em que tenho muitas amigas

Por isso sempre que saio

Saudades de lá eu sinto

Lá tem muitas brincadeiras

Futebol, queimado e dança das cadeiras

Eu acho que gosto muito de tudo

Pois afinal é lá que é meu mundo.

(Ana Júlia)



Onde eu vivo

No lugar onde eu vivo

Não tem nenhum mal

Por isso que é legal

O lugar onde eu vivo

É muito divertido

Quando eu estou contigo.

(Anônimo)



Eu e meu paninho

Meu paninho

Que tem um capuz

Você me ilumina

Mais que uma luz

Você é peludo

Você é fofinho

Quando te abraço

Me sinto quentinho...

(Ricardo)



O melhor lugar no mundo?

Para mim isso é uma pergunta

Fácil de responder,

O melhor lugar para mim

Não é possível de se ver,

Mas é possível senti-lo

Não é um mundo com heróis

Ou criaturas inimagináveis

É um pequeno lugar

Onde com o corpo não se pode entrar

Mas com a mente você pode invadi-lo

Este lugar é um pedaço do meu coração

Onde todas as mágoas são banidas.

É o lar das coisas boas, alegres

É onde fica meu sentimento pela família.

(Lucas)

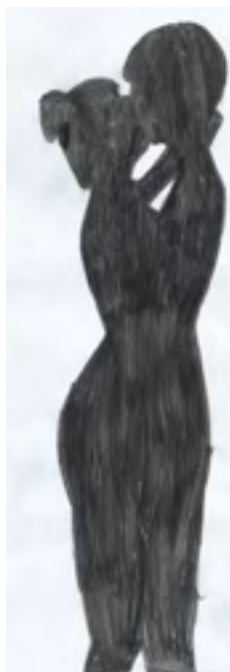


O amor

O amor é ótimo,
Quando amo não penso em nada
Quando amo desmaio
Fico acabada

Mas estou assustada
Pois estou aqui sendo amada
Por alguém que não conheço
Do outro lado da estrada.

(Mel)



Amor gera saudade

Saudade gera amor
Amor gera saudade
Ao contrário do que muitos pensam
Os dois dão felicidade

Apesar de serem ótimos
Não são perfeitos não
Podem até causar
Um dia de depressão

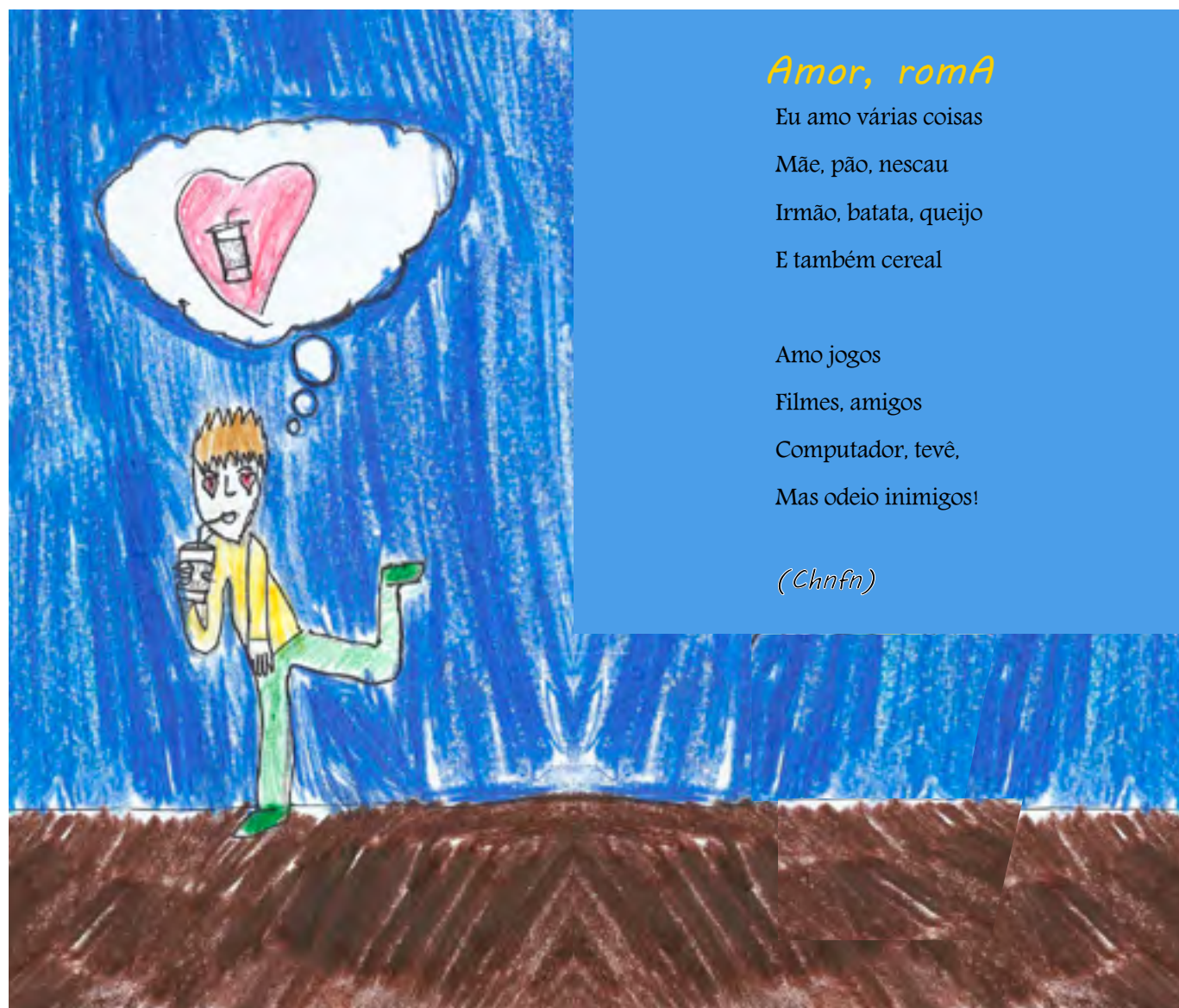
(Sofia)

Amor, romã

Eu amo várias coisas
Mãe, pão, nescau
Irmão, batata, queijo
E também cereal

Amo jogos
Filmes, amigos
Computador, tevê,
Mas odeio inimigos!

(Chnfn)



Meu esporte favorito

Futebol com certeza
É meu esporte favorito
Mas sempre que vou chutar
Acabo batendo de bico.

Eu adoro futebol
E o jeito de jogar
E onde eu mais gosto de praticar
É perto do mar.

(Callum)

Olimpíadas

Nas olimpíadas
Recordes serão quebrados
Histórias virarão lendas
É só se entregar

Na piscina, tablado ou ginásio
Basta se dedicar ao máximo
E se cair, é só se levantar

Então, curta essa festa!

(João Dias)





Minha aldeia e sua fundadora

Aldeia Curumim é o nome da escola
Onde eu estudo,
É o nome do sonho
Do casal que fez isso tudo.

Aldeia Curumim,
Que coisa mais bela,
É tão bonita e divertida,
Que é difícil pensar em sair dela.

E a antiga diretora?
Lúcia, seu nome era
E esse poema
É uma homenagem para ela.

(Laura)



Aldeia, Aldeia

Você corre por minhas veias

em você fico alegre
em você fico feliz
e quando a aula acaba
eu fico triste e peço bis.

(João Marcos)

Dona Lúcia

A sua vida
Não foi em vão
Pois nos fez mais fortes
E seus ensinamentos ficarão
No nosso coração.

Dona Lúcia, você fez a gente ser feliz,
Você nos ensinou a ser diferentes
Você é a nossa flor de lis.

Você foi tão especial...
Não há ninguém igual
Você ainda está aqui,
Pois ainda posso te sentir!

(Alice)



Amor saudoso

Só quando te perdi
Percebi o quanto te amo
Mas terei que ficar sem ti
Por no mínimo um ano

Muita, muita
Saudade de ti
Eu logo
Senti

Quero muito
Te ver,
Mas recebi uma notícia
E parei de crer.

(Olivia)

As férias

São dias para relaxar
As crianças podem brincar
E podemos viajar para qualquer lugar
Principalmente para perto do mar

Sem preocupação
Só na moleza...
Até que o pai chama.
"Vem arrumar a mesa!"

(João Dias)

Minhas viagens

Já fui para Disney, África, Itália,
Los Angeles, San Francisco,
Argentina, Uruguai, Gramado...

Cada qual com um jeitinho diferente
Que fazem muito bem para a gente

A África, com um povo maravilhoso,
Respeitoso, simpático e carinhoso.
Lá é um país muito rico em cultura,
Com muita dança, artesanato, natureza e agricultura.

Na Disney conheci novos amigos,
Como Mickey, Minnie, Donald e Pateta
Lá a magia é o que impera
Também fui a montanhas russas, simuladores e rodas gigantes
E a aventura foi alegre e impressionante!

A Itália é um lugar em que acontecem muitos fenô-
menos naturais
E onde também tem muitos museus culturais
Estátuas fenomenais,
E é possível visitar seus arsenais.

Bem, eu amei muitas viagens
Tantas que nem dá para explicar,
Queria até duplicar as vezes
Que eu fui, para poder voltar.

(Mariana)

Nem só de cartolas e coelhos vivem os mágicos

Quem não gostaria de ser capaz de criar algo mágico, diferente, que pudesse ao mesmo tempo impressionar e trazer alegria?

Shaun Tan, em seu livro *Contos de Lugares Distantes*, mexe com a imaginação dos leitores e os convida a criar também, quem sabe, um animal diferente, um lugar especial, um ser mágico, como no conto "Faça seu próprio animal de estimação".

O mais importante é deixar escapar seu desejo e compartilhá-lo com outros leitores.

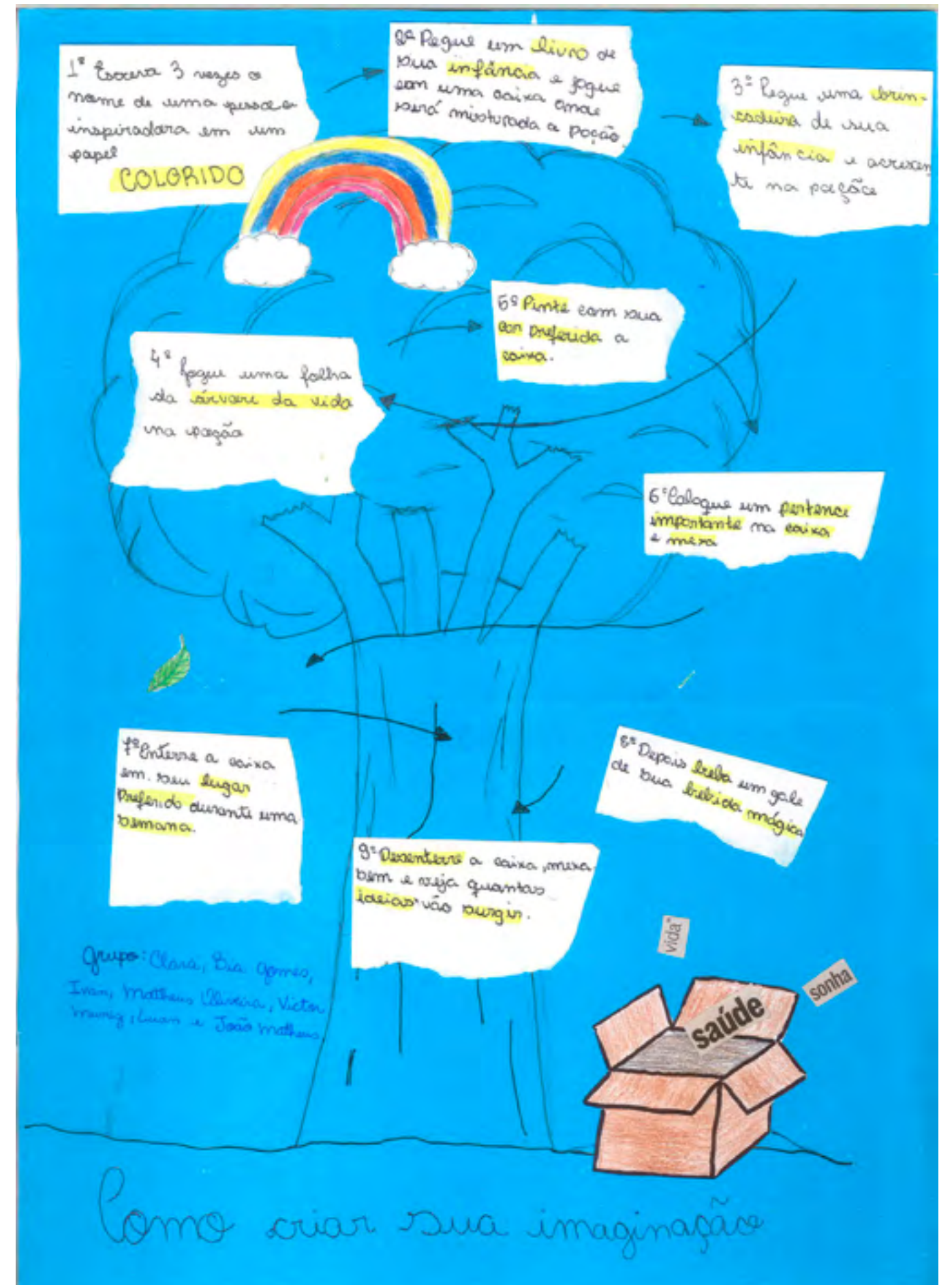


Esse é o poder da Literatura! Encantar, contagiar a ponto de se repartir em infinitos pedaços para se juntar como num quebra-cabeças absolutamente particular e subjetivo.

Nas próximas páginas, o leitor verá como os aprendizes de mágico, alunos do 7º ano, se deixaram contaminar pelo vírus da criação e se tornaram escritores-inventores-mágicos-artistas.

E você, o que gostaria de inventar?

(Mônica Scheer)



COMO FAZER SEU BULLDOG COM ASAS

VOÇÊ VAI PRECISAR DE:

- LÍNGUA DE BOI
- PELE DE PEIXE
- ASAS DE PASSARINHO
- TINTA (COR DE SUA PREFERÊNCIA)
- DUREX



1- PRENDA A PELE DE PEIXE COM DUREX NA FORMA DE BULLDOG E SEPARE AS ASAS E A LÍNGUA. DEIXE DESCANSANDO NA ÁGUA POR 12 HORAS.

2- TIRE SEU BULLDOG DA ÁGUA E SEPARE-AS E A LÍNGUA. DEIXE SECAR NO SOL (OU USE UM SECADOR E MAIS RÁPIDO).

3- Com a língua do boi, passe a saliva pelo Bulldog.

4- Cole as asas com durex.

5- Pinte seu bulldog da cor que quiser (ou deixe sem pintura e decore com adesivos).

6- ESCOLHA O NOME E DIVIRTA-SE! ▽

Luis, Breno, Lucas, João Guemieri, Mateus Sant'Anna, Pedro Marecolini e Pedro Amorim.

Como criar seu

- 1º Pense em seus animais favoritos!
- 2º Junte suas características favoritas de cada.
- 3º Procure coisas que te lembrem estas características!
- 4º Ponha-as em uma caixa e meio que "plante".
- 5º Conte suas boas lembranças, como se tivesse regando.
- 6º Imagine coisas legais para fazer com seu animal.
- 7º Espere em média 1 semana * o número de animais que você pensou e o mesmo de dias que ele precisará para ficar pronto!!
- 8º Espere ansiosamente e está pronto!!
Agora é só se divertir com ele!

um animal divertido

Grupo: Alessandra, Bernardo,
Bruna, Kennanda, Laura, João Goday
e Pedro Crespo.



ALTERNAR BAIXA? ESTA CURIOSA!

Faça seu Próprio

1- Pegue um liquidificador do seu est. preferencialmente empacado.



Amei

2- Você vai precisar botar no liquidificador:

- Disco da voz
- Foto do crush
- Tio de cabelo dos pais
- 2 colheres de sopa de Nutella
- Uma lágrima suor
- Suor da DFF



4- Sorvete da BAO! Coloque tudo no pote de sorvete que você toma quando está na "BAO"

5- Escreva o nome das suas pagu nas no pote.

Juliana, Luiza, Milinda, Júlia

SAIBA COMO

DESTINO AMOROSO!

6- Lave o pote no lugar que vocês se viram pela 5ª vez

8- Se não funcionar, si ga sua vida

7- Após esperar uma hora, misture e sinta seu destino. Pense em coisas boas durante o processo. Porque te levará ao seu destino

Um pouquinho de tragédia, um pouquinho de comédia



A era elisabetana, assim chamada por causa da rainha Elizabeth I, viveu seu apogeu, ao se projetar como potência dominante no globo. Era uma época de riquezas e conquistas, grandes descobertas, piratas e guerras.

Por conta desses momentos, obrigatoriamente a literatura sofreu fortes influências e nasceu a tragédia elisabetana, que se consagraria e faria consigo a construção de inúmeros teatros em Londres, onde se exibiam peças de jovens e talentosos editores que decidiram encenar seus dramas, em vez de apenas publicá-los em livros e, assim ganhariam um público maior e mais diversificado. A dinamicidade do fato abriu as portas para muitos nomes como Ben Jonson, John Ford, Francis Beaumont. Mas, acima de todos, estava William Shakespeare, só comparável a outros dois maiores escritores de todas as épocas: Homero e Dante. Escreveu tragédias eternas como Hamlet, Romeu e Julieta e A Tempestade. Mas certamente nem tudo era tragédia. Shakespeare também

compôs diversas comédias como As alegres Comadres de Windsor, e a tão famosa Megera Domada, a qual os alunos do 8º ano tiveram oportunidade de ler.

De repente veio um questionamento: “Por que os autores escolhem destinos tão complicados e trágicos para seus amados personagens?”. Ninguém melhor que eles mesmos para responderem a isso. Que tal um encontro de Catarina, Romeu, Julieta, Petróquio com seu criador?

Numa iniciativa inusitada, os alunos do 8º ano promoveram esse encontro em busca de respostas. Foi desenvolvido um estudo completo, desde releituras de personagens inspiradores dos nossos ilustres alunos, além de uma biografia bem detalhada do autor.

(Mônica Scheer)



A megera domada

Catarina é uma mulher bonita, porém intratável. Todos têm pavor dela. Bianca, sua irmã mais nova, ao contrário, é um amor de menina, todos a cortejam, porém como mandavam os costumes da época, e por Catarina não ter pretendentes, seu pai, Batista só dará a mão de Bianca em casamento, após Catarina se casar. Isso causa um alvoroço entre os pretendentes, que querem resolver o problema para disputar a bela e doce Bianca. Seus problemas terminam quando chega à cidade, Petróquio, um milionário, a fim de aumentar sua fortuna. Seus amigos o avisam do gênio da megera, mas, como ele gosta de um desafio, resolve se candidatar a marido de Catarina.

Obviamente a megera não se doma tão facilmente e a vida deles não é nada fácil, mas Petróquio usa de várias artimanhas para conquistá-la e ela acaba cedendo a seus encantos.

E assim, viveram felizes para sempre.

(Gustavo Lira)



A megera que não quer casar

Bianca é muito romântica
E sonha com o príncipe encantado
Catarina não quer se casar
E deixa seu pai muito encanado

Catarina é baixa e muito zangada
Mesmo assim, Petróquio quer conquistá-la
Seu pai e sua irmã não sabem o que fazer
Para a megera convencer.

(Guilherme Toledo de Carvalho)

Romeu e Julieta

Romeu e Julieta é a história de um amor proibido entre dois jovens de famílias rivais – Montecchios e Capuletos. No decorrer da história, os jovens fazem tudo que é possível para dar continuidade ao seu relacionamento. Seu primeiro encontro foi em uma festa promovida pelos Capuletos, Romeu não fora convidado, mas ele se disfarça e penetra na festa. Assim que entra vê a bela Julieta e se imagina apaixonado por ela. Ela não disfarça o interesse por ele, mas, logo depois, descobrem que são de famílias rivais.



Romeo e Julieta, por Frank Dicksee / Óleo sobre tela - 1884

Depois de muitos encontros e declarações de amor, eles se casam em segredo, imaginando depois resolver a situação com suas famílias. Só que, para estragar tal momento, Romeu se envolve numa briga com Teobaldo, primo de Julieta, e acaba matando-o. Após isso, ele é exilado da cidade e o pai de Julieta declara seu casamento arranjado com Páris. O Frei, que a tudo acompanha, convence-a a aceitar o matrimônio, mas arma um plano. Pouco antes da cerimônia, Julieta deverá ingerir uma poção que simulará sua morte. Romeu seria avisado e deveria ir para retirá-la do jazigo dos Capuletos quando ela despertasse. Porém Romeu não é avisado a tempo. Algum tempo depois, Romeu recebe uma carta dizendo que Julieta está morta e se encontra no jazigo da família. Ele se dirige para lá. Quando chega, pensa que Julieta está morta e se mata também. Quando Julieta acorda de seu falso suicídio, se mata também, após ver seu amado morto.

Suas famílias chegam ao local e veem os filhos mortos por amor. Decidem que sua rixa só prejudicou dois inocentes e fazem as pazes.

(Gabriel e Victor Medeiros)



William Shakespeare, por John Taylor / Óleo sobre tela - 1856

passavam no teatro Globo, ocupado pela companhia de Burbage, da qual fazia parte.

A obra dele abrange aproximadamente 40 peças, entre comédias românticas, tragédias e dramas históricos. Também foi poeta, escreveu mais de 150 sonetos e publicou 3 livros renascentistas.

Shakespeare teve o dom de explorar as paixões e os sentimentos mais puros, a mais rica alegria e o mais penoso desespero. Em Romeu e Julieta foi o amor irrealizado, em Othelo, o protótipo do ciúme, já em O Mercador de Veneza, foi o materialismo por excelência.

Aprenderi que não posso exigir o amor de ninguém...
Posso apenas dar boas razões para que gostem de mim...
E ter paciência para que a vida faça o resto...

William Shakespeare

Ele juntou em suas obras aspectos e estilo da vida inglesa. Suas peças foram pela Europa toda, influenciando outros dramaturgos. Após acumular dinheiro, voltou para sua cidade natal e entrou em processo de reclusão. Faleceu em Stratford-upon-Avon em 23 de abril de 1616.

(Davi e Ramon)

Biografia

William Shakespeare foi um dramaturgo poeta inglês que nasceu no ano de 1564, na cidade Stratford-upon-Avon. Escreveu várias obras importantes: A comédia dos erros, Rei Lear, Henrique V, Hamlet, Othelo, Macbeth, A megera domada, Romeu e Julieta, Sonho de uma noite de verão e mais de 150 sonetos.

Veio de uma família humilde, tanto que começou a trabalhar aos 15 anos no açougue de seu pai. Com 18 anos se casou com Anne Hathaway, uma aldeã. A situação financeira se agravou quando tiveram uma filha e em seguida dois gêmeos.

Mudou-se para Londres em 1586, onde se empregou como guardador de cavalos na porta do teatro. Logo após, começou a prestar serviços nos bastidores das peças com pequenas funções. Passou a estudar muito, ler peças, novelas e obras de autores clássicos que foram fundamentais para sua formação de dramaturgo.

Shakespeare passou a ser o copista oficial e logo estava escrevendo a maioria das peças que

Precisamos de explicações, sir. Shakespeare!

(O PANO SE ABRE)

(Certo dia Shakespeare estava em seu escritório escrevendo uma nova história quando, de repente, ele ouviu uma batida forte em sua porta. O barulho foi ficando cada vez mais alto até que a porta abre. Shakespeare olha para a porta e com os olhos arregalados ele percebe Catarina e Petróquio olhando-o com expressão de raiva)

SHAKESPEARE: O que está acontecendo? O que vocês fazem aqui, em meu escritório, interrompendo meu momento de criação?

(Catarina passa a frete de Petróquio e se dirige ao escritor em tom altivo)

CATARINA: Sr. Shakespeare, seu bastardo insano, tem noção de como sofro ao lado desse porco fedorento, que me obriga a cuidar de chiqueiros! Sou uma dama, não uma guardadora de porcos, como a pobre Dulcinea!

PETRÚQUIO: Claro que és uma dama, e os porcos ficaram muito melhores depois que passaste a cuidar deles. Colocaste até perfume francês nos pobres coitados!

SHAKESPEARE: Calem-se! Até onde me lembro, dei-lhes um final feliz. Amavam-se. Poucas vezes fiz isso! Do que reclamam?

(Nesse momento, Romeu e Julieta entram em cena, esbaforidos)

JULIETA: É verdade, do que reclamam? Nosso final foi trágico, de que adianta estarmos casados se estamos mortos? O Sr. nos matou sem dó nem piedade!

ROMEU: Sr. Shakespeare, o Sr. nos odeia tanto a ponto de nos impor tamanho sofrimento?

CATARINA: Pelo menos não estão vivendo o inferno do casamento, não sabem como são felizes. E de mais a mais, o famoso escritor adora a morte. Lembra-se de Hamlet, Othelo e Desdêmona, o que dizer deles?

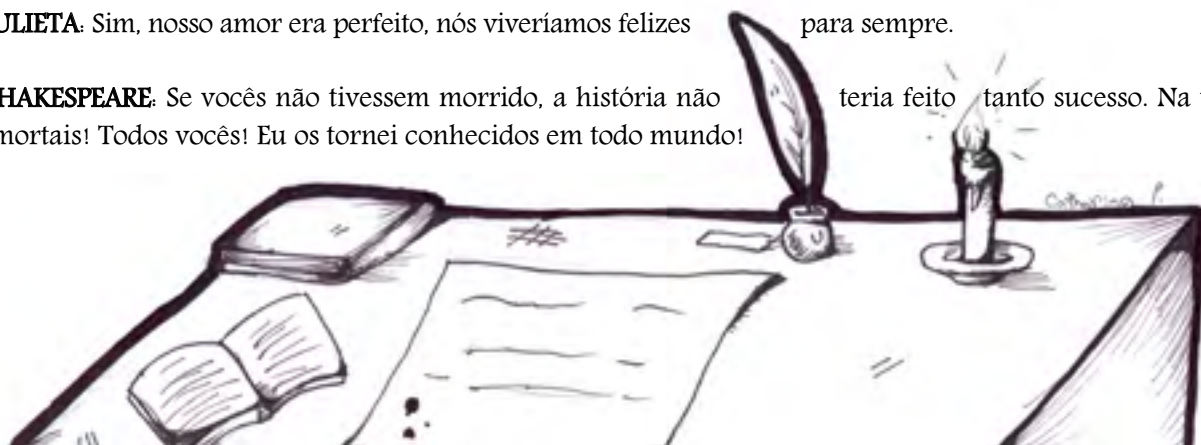
SHAKESPEARE: Meu Deus, mas do que reclamam, Catarina e Petróquio, vocês viveram felizes para sempre!

CATARINA: Isso são só palavras escritas num pedaço de papel, não sabia que a vida continua além do papel?

ROMEU: Sim, foi um pedaço de papel que acabou com nossa chance de viver um grande amor.

JULIETA: Sim, nosso amor era perfeito, nós viveríamos felizes para sempre.

SHAKESPEARE: Se vocês não tivessem morrido, a história não teria feito tanto sucesso. Na verdade são imortais! Todos vocês! Eu os tornei conhecidos em todo mundo!



JULIETA: Quem liga para isso? Só queríamos estar vivos para ficarmos juntos! (Abraça Romeu)

PETRÚQUIO: E nós só queríamos estar separados! (Empurra Catarina que chuta sua canela)

SHAKESPEARE: Basta! Eu decido o que fazer da vida de vocês! Vocês deveriam me agradecer por eu tê-los criado e por serem famosos. O que mais desejam?

TODOS: Que mude o final de nossas histórias! (gritam todos ao mesmo tempo)

SHAKESPEARE: Não posso! Isso não cabe a mim, já faz parte da literatura universal.

CATARINA: Então nós mudaremos, mesmo sem sua autorização.

SHAKESPEARE: Somente sobre o meu cadáver.

CATARINA: Pode deixar!

(Romeu e Petróquio sacam suas espadas e começam a perseguir Shakespeare que foge dos dois pelo escritório)



PETRÚQUIO: Volte aqui, seu covarde!

ROMEU: Mude nossas histórias!

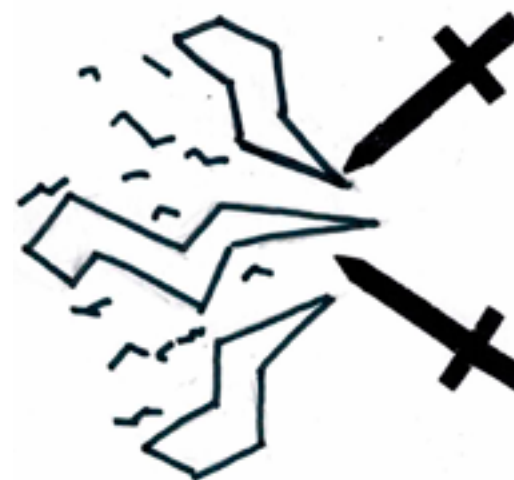
(E enquanto Romeu e Petróquio perseguem Shakespeare, Julieta e Catarina procuram seus livros para mudarem suas histórias)

(Nesse momento entram Othelo e Desdêmona. Todos olham para o casal e Shakespeare os olha com ar de cansaço)

SHAKESPEARE: Ah não, vai começar tudo de novo!

FIM DO ÚNICO E ÚLTIMO ATO
(FECHA-SE O PANO)

(Ana Clara, Ana Luisa, Giovanna e Pedro Arthur)



Em quantos contos me encontro?



Desde tempos primórdios, vemos o interesse do ser humano em registrar o mundo que o cerca. Essas narrativas, que começaram na forma de imagens e se expandiram através da comunicação oral, sofreram muitas transformações ao longo dos séculos.

Do gênero épico, considerada a mais antiga manifestação literária que retratava, em versos, episódios heroicos da história de um povo, originou-se a variante, a narrativa. Esta passou a trabalhar a escrita em prosa com diferentes características, fazendo com que fossem criadas divisões dentro desse novo gênero, como: fábula, novela, romance, crônica, conto etc.



Independente do tipo e das intenções da escrita, o homem continuou a representar, no papel, o seu tempo, o seu mundo e a sua perplexidade diante dos acontecimentos, muitas vezes sem sentido, que fazem parte do seu dia a dia. Essa prática contribui para uma profunda discussão acerca da sociedade, sua história e seus destinos.

Aqui você encontrará o olhar atento de nossos alunos do 8º ano para esse mundo múltiplo e inusitado: uma amizade verdadeira que vence as barreiras do tempo e do espaço; uma garota precoce que busca vingança pela morte aleatória do pai; a persistência de um rapaz em viver de forma honesta apesar de estar cercado pelo mundo do crime e até a oportunidade de se ter uma segunda chance na vida.

Os nomes mudam, assim como os ambientes, as épocas e as formas de dizer, mas a essência do ser permanece. Suas dúvidas, alegrias, anseios, angústias e medos o acompanham, motivando-o a buscar compreender o mundo que o cerca, a se conhecer e, principalmente, descobrir sua verdadeira identidade.

Esta procura pela compreensão do outro e de si é o convite desta nossa antologia de contos.

(Ivi Barile)

Anos de injustiça

Em uma favela no Rio de Janeiro, morava Samanta. Apesar de humilde, era feliz e tinha uma vida boa, vivendo com seu pai e sua mãe em um puxadinho. Sua mãe e seu pai se matavam de trabalhar para poderem pagar as contas no fim do mês e, graças aos seus esforços, sempre conseguiam.

Tudo estava caminhando bem, até que um dia, ao voltar do trabalho, sua mãe foi atropelada por uma moto bem perto de sua casa. O marido estava descansando na varanda e despertou com o barulho. Logo depois, ouviu as pessoas gritando para que alguém chamasse a ambulância. Ele desceu correndo, pois já pressentia que algo terrível pudesse ter acontecido. Quando viu quem era, correu até ela e a abraçou, não a soltou até a chegada do socorro.

Samanta, sem saber de nada, chegou em casa animada para contar a seus pais que tinha acabado de aprender a escrever. Mas, ao entrar em casa, viu apenas sua avó desolada sentada no sofá. Ela lhe perguntou o que tinha acontecido, mas a avó não conseguiu dizer a verdade para a menina e falou apenas que seus pais haviam saído e que logo estariam voltando. Samanta, muito desconfiada, foi para seu quarto escrever algumas palavras para seu pai ficar orgulhoso.

No dia seguinte, o pai chegou sozinho e foi direto falar com a avó. A menina acordou algumas horas depois e o encontrou na cozinha chorando, perguntou-lhe o que tinha acontecido e onde estava sua mãe. Ele deu um beijo na testa, botou-a no colo e disse:

— Filha, infelizmente uma coisa ruim aconteceu e a mamãe não está mais aqui. — Lágrimas começavam a correr pela sua face. — Mas agora ela está no céu, junto com as estrelas e estará sempre nos olhando lá do alto.

Mesmo ainda sendo uma criança, a garota entendeu o que tinha acontecido. Abraçou seu pai e caiu no choro.

Semanas depois, o pai começou a entrar em depressão. Ele já não era mais o mesmo, estava sempre em seu

quarto, trancado e chorando. Sabendo disso, sua avó decidiu ir morar com eles para dar mais atenção à neta. Mas a situação só piorava, a ponto de ele finalmente começar a sair, mas passar a chegar tarde em casa e, às vezes, nem voltar para dormir. Porém um dia ele não voltou.

A menina, sem entender o porquê, perguntava a sua avó todos os dias onde estava o pai e não obtinha uma resposta concreta. Até que um dia, a senhora lhe disse que precisavam ter uma conversa séria. Elas se sentaram no sofá e ela começou:

— Minha querida, seu pai infelizmente não voltará mais, nunca mais...

A criança se negou a acreditar e saiu correndo para o quarto. A avó foi atrás, abraçou-a e disse que tudo iria melhorar, que tudo iria se acertar.

Vinte anos depois, Samanta havia se tornado uma delegada séria e competente. Trabalhava na delegacia do Catete, e investigava diferentes tipos de casos. Até que lhe foi designado que descobrisse quem eram os chefes da quadrilha do tráfico do Borrvalho e que encontrasse provas que pudessem incriminá-los.

Ela conhecia bem a área, pois vivera ali a vida toda. Então, rapidamente, após conversa com alguns colegas da sua antiga comunidade, descobriu que se tratava de apenas um chefe, um cara que mandava em tudo. E soube que ele era barra pesada, que passava por cima de tudo e de todos que entrassem em seu caminho. Após mais algumas investigações, percebeu que só conseguiria obter provas contra ele caso se infiltrasse em seu bando.

Naquela mesma noite, partiu para a boate, onde o tal geralmente ia. Chegando lá, como era de se esperar, descobriu que este se encontrava na área vip e não seria fácil chegar até ele... Precisou passar pelos fundos para se aproximar e, quando estava quase lá, um de seus capangas bloqueou sua entrada.

— Hey, onde a senhorita pensa que vai?

Ela, já com todo o plano elaborado, disse que tinha uma proposta irrecusável para seu chefe e que, se ele a impedisse, provavelmente iria se arrepender muito depois. Então o capanga, assustado com toda a firmeza na voz da garota, deixou-a passar.

O líder logo se apresentou, seu nome era Cloves, era bonito e charmoso. Perguntou-lhe o que queria, sem nem olhar em seus olhos. Samanta, ainda com a mesma segurança na voz, disse que era da polícia, que era uma delegada.

Assim que falou isso, todos os presentes na sala sacaram suas armas e apontaram em sua direção, mas com muita calma, ela levantou as duas mãos e lhes disse que aquilo não era necessário.

— Calma, calma, rapazes! Vocês acham mesmo que eu seria tão estúpida para vir aqui para assinar meu atestado de óbito? Estou do seu lado e posso, além de reunir informações, até atrasar as investigações da polícia.

Cloves já estava meio alterado e ficou empolgado. Alguns de seus homens tentaram alertá-lo, mas ele não ouvia ninguém. Quem mandava ali era ele.

Samanta, espertamente, aproveitou o momento e ofereceu-lhe uma aliança: ela ajudaria em tudo que ele precisasse e, em troca, obteria alguns favores. Ele aceitou e pediu para que fosse, no dia seguinte, ao barraco onde eles guardavam as drogas para conversarem melhor e acertarem o acordo. Pediu para um dos seus dar-lhe as coordenadas e ela em seguida se retirou.

Logo pela manhã, não perdeu tempo e foi direto ao tal barraco. Lá, ela teve que repetir suas informações para Bruno, o braço direito de Cloves. Estava tudo bem até ele falar:

— O nome do teu pai era Pedro dos Santos?

Ela disse que sim e explicou que ele tinha desaparecido, que desde os sete anos não o via. Então Bruno fez cara de quem sabia alguma coisa, mas nada falou, apenas

que ela já podia entrar na sala do chefe.

Lá dentro, a infiltrada informou-lhe que a polícia estava bem perto de descobrir onde eles ficavam e quem fazia parte de seu bando, mas Cloves, agora sóbrio, ficou bastante desconfiado.

— Minha querida, tu pensa que tá me enrolando? Bem que meus homens tentaram me alertar! Por que tu tá fazendo isso? Por que motivo?

— Desde muito tempo que estou tentando sair desse cargo e trabalhar em outra coisa, voltar às minhas origens, fazer algo mais perto da minha antiga comunidade, e para ela. Sei que a polícia, às vezes, invade as comunidades e mata muita gente inocente, e quero evitar que isso ocorra aqui, com as pessoas que fizeram parte de toda a minha infância. Mas sempre penso: o que eu vou fazer, onde eu vou morar? Até que vi que o ideal era continuar trabalhando como delegada e ao mesmo tempo ajudá-lo, pois se eles não descobrirem nada sobre você, fica mais difícil de fazerem uma operação aqui.

Logo em seguida, Cloves se levantou e começou a andar pensativo em volta da cadeira de Samanta.

— Boa resposta, boa resposta. Tu realmente é muito esperta e corajosa, garota! Mas antes de você começar, você tem que saber de uma coisa. O Bruno, que você conheceu hoje na entrada, fez uma pesquisa e descobriu informações sobre você... Sabe como é, né? Eu precisava me certificar de que tu não era tão furada quanto me falaram ontem... Então, sabe teu pai? Fui eu que desapareci com ele, na verdade, eu mandei matar ele. Seu pai não pagou o que comprou. E se eu deixo passar um, todos iam achar que sou mole. Tu consegue passar por cima disso?

Samanta não falou nada, ficou quieta, com os pensamentos a mil. Até que se levantou e disse:

— Óbvio que eu consigo. Ele era só mais um drogado que não sabia o que fazer da vida. Na verdade, você até me fez um favor. Bem, já está na minha hora, tenho que

ser uma delegada agora.

Foi escoltada até a entrada por dois homens. Quando chegou ao carro, já longe dali, caiu no choro. Assim que parou, jurou para si mesma que vingaria seu pai.

— Custe o que custar! — falou em voz alta.

Meses se passaram e a jovem ia entrando em contato com Cloves e dando-lhe informações sobre o rumo em que as investigações da polícia estavam.

Até que um dia, seu superior informou-lhe na delegacia que já era hora de iniciarem a operação. Samanta não havia lhe contado tudo o que sabia sobre o chefe do tráfico, pois precisava ganhar tempo para conquistar a confiança dele e colocar todo o seu plano em prática sem levantar suspeitas, principalmente da polícia.

Logo que soube, ligou para Cloves, avisou o que iria acontecer e como poderia salvá-lo da polícia, mas disse que não tinha tempo e só ele poderia ir para não prejudicá-la.

Minutos depois, Samanta o buscou no lugar combinado com algumas latas de cerveja e dali foram para Angra dos Reis, na casa que ela havia comprado há alguns anos. O chefe ficou muito agradecido por toda a sua lealdade e, abrindo a primeira bebida, até admitiu que

se sentia mais protegido com ela lá ao seu lado.

A viagem fora longa e Cloves falou que iria tomar um banho para relaxar. Sentia-se íntimo da garota e, enquanto subia as escadas, insinuou que, se ela quisesse, poderia ir junto. Samanta esperou alguns minutos e subiu.

O traficante estava descansando na banheira, bebendo um copo de uísque e ficou animado quando ela apareceu. Mas Samanta não fazia menção de que iria entrar e, enquanto ele insistia, ela pegou o secador de cabelos e o ligou.

— Que isso, garota! O que você vai fazer? — falou arregalando os olhos e largando o copo na borda enquanto tentava se levantar.

— Vingar meu pai!

Então jogou o secador na banheira.

Quando o silêncio tomou conta do ambiente, a jovem delegada soube que seu trabalho estava feito. Até que não tinha sido tão difícil com ele bêbado. Como a casa era na beira de uma praia deserta, ela carregou seu corpo em um bote e o jogou no mar.

Samanta pôde voltar para casa satisfeita, pois finalmente tinha vingado seu pai. E a polícia continuou as investigações para encontrar o paradeiro do tão temido chefe do Borralho.

Amanda, Ana Telles e Maria Eduarda

Está frio lá fora

1967, ano de muitas guerras e conflitos. Ano em que estava acontecendo a Guerra Fria. Ano em que um homem, Antônio Müller, batalhava nas linhas de frente e, ao avançar, se deparou com outro homem muito machucado e tentou ajudá-lo, mas olhou para seu uniforme e percebeu que era do exército inimigo... Deu um passo para trás, pegou a sua arma e apontou para o rosto do homem, mas ao mirá-lo teve a impressão de que o conhecia e essa sensação fez com que lhe perguntasse seu nome. O homem, bastante machucado, tentou responder, porém, quando estava prestes a falar, uma granada explodiu próxima a eles e ambos desmaiaram.

ANTES DA GUERRA

Antônio Müller nasceu em 1946 e cresceu em um orfanato, pois aos dois anos seus pais morreram após um ataque em seu bairro. Foi lá que conheceu seu melhor amigo, Ivan, que teve um destino melhor, pois foi adotado aos onze anos por um casal de estrangeiros. Depois disso, nunca mais se viram.

O rapaz só conseguiu sair do orfanato ao completar dezoito anos. Buscou carreira no exército e esteve lá desde então.

AGOSTO DE 1967, NO HOSPITAL

Antônio acorda e, ao tentar levantar, percebe que suas costas estão um pouco doloridas. Olha em volta, chama o médico e pergunta o que aconteceu. Este diz que a guerra acabara e haviam começado a procurar por sobreviventes nos campos de batalha. Explicou também que já haviam achado alguns poucos sobreviventes e, entre eles, estavam Antônio e outro homem. Os dois haviam sido resgatados inconscientes, além de um deles estar seriamente machucado. O paciente então pergunta o nome do combatente e onde se encontrava, e o médico diz:

— Seu nome é Ivan. Infelizmente, está sendo transferido hoje para o hospital do outro lado da cidade. Depois de uma análise detalhada, vimos que seus machucados são sérios demais para a situação que temos aqui.

Após o médico sair, Antônio levanta um pouco tonto,

veste uma roupa limpa que se encontrava na cômoda e sai do quarto. Encontra outro médico no corredor e pergunta:

— Onde ficam as ambulâncias?

O médico, confuso, responde:

— Vire à esquerda e vá reto pelo corredor. À sua direita, você encontrará uma sala, entre nela e você encontrará as ambulâncias. Mas por que quer saber?

Antes mesmo de ser pego, Antônio sai correndo que nem um tonto desesperado até a garagem e, quando chega ao local, uma ambulância acaba de sair dali. Contudo, não desiste, vai até o táxi mais próximo, entra nele e grita:

— ATRÁS DAQUELA AMBULÂNCIA!!!

Quando chega ao hospital para onde, supostamente, o outro havia sido transferido, entra correndo como um maluco, vai até o balcão e pergunta para a recepcionista onde se encontrava o paciente Ivan. Ela procura no sistema, mas nada de alguém com aquele nome. Nessa hora, o rapaz pergunta que hospital era aquele, e percebe que havia seguido a ambulância errada.

Volta a correr, mesmo exausto, para pegar outro táxi. Após meia hora de procura, finalmente encontra o hospital, mas, infelizmente, o amigo já estava na sala de cirurgia. Ficou aguardando na sala de espera e acabou adormecendo. Estava cansado e ainda sentia algumas dores no corpo.

Após algumas horas, o médico vem avisar-lhe que o paciente já havia sido levado ao quarto, mas que ainda estava sedado e inconsciente. Apresentava diversas fraturas na perna e metade de seu corpo havia sido queimado. Antônio percebe que tivera muita sorte, pois estava bem próximo a Ivan na hora da explosão e nada de grave lhe ocorrera.

Este ficou em coma por seis meses até finalmente acordar, mas ainda não podia andar, já que sua perna

estava bastante ruim. Recebeu a visita animada e ansiosa de um homem estranho assim que acordou e não estava entendendo direito até que, para sua surpresa, Antônio falou seu nome, de onde era e onde crescera. Logo depois, foi indagado sobre seu rumo após ser adotado pelo casal estrangeiro.

— Não aconteceu nada de muito importante, até meus dezoito anos, quando me alistei e fui convocado pelo exército do país onde fui morar...

O fiel companheiro ficou ao lado de Ivan até se recuperar completamente. Comemoraram aniversários, Natal e até Ano Novo juntos. Depois daquele incidente, parece que ficaram ainda mais amigos, e estavam muito felizes.

Tudo estava correndo bem, Antônio já tinha até tirado a carteira e comprado uma moto, ia se casar em três meses. Até o dia em que estava voltando para casa e sofreu um terrível acidente de moto em que quebrou o braço e a perna.

Quando Ivan recebeu a notícia, queria muito ir ver

como estava o amigo, mas sua perna ainda não tinha se recuperado o suficiente e precisava permanecer deitado. Estava tão preocupado que pediu para o médico deixá-los no mesmo quarto, assim sempre poderiam conversar.

Alguns meses depois, ambos já estavam recuperados e estavam fazendo coisas normais como ir ao bar, jogar futebol, ir ao bar de novo e dormir até arranjam um emprego.

Cinco anos depois, Antônio já estava casado e tinha três filhos, Ivan ainda estava planejando se casar, mas ainda não pensava em ter filhos, pois dizia que davam muito trabalho. A vida prosseguia feliz e tranquila e os dois mantiveram a amizade por muito tempo.

O mais interessante dessa história é que ela não aconteceu. Ou podemos dizer que sim, mas no plano do inconsciente, porque, na verdade, isso foi só um grande sonho de Antônio Müller, que estava em coma por causa da guerra e seu amigo de infância, Ivan, é quem era seu doutor e estava cuidando dele fielmente por anos.

Gustavo, Catharina, Victor, Pedro Lima e Gabriel

Dando a volta por cima

Em um péssimo dia, Diego, jovem de 15 anos e morador da Rocinha, estava indo às casas das pessoas no Leblon pedindo ajuda. Bem na hora em que ele estava voltando para casa, um homem suspeito, com máscara o surpreendeu e o sequestrou. Sem saber o que fazer, deu tudo o que tinha conseguido no dia para que o ladrão não o matasse, mas ele queria mais dinheiro e começou a agredir o jovem. Ao ouvir o som da sirene da polícia, largou Diego e fugiu, com medo de ser pego.

A polícia passou e não deu atenção ao jovem caído. O garoto, com fome e sem dinheiro, quase beirando a morte, resolveu agir rápido. Viu uma pizzaria na esquina da rua e foi para lá. Machucado e sem ter o que comer, implorou ao dono que lhe desse um emprego temporário ou algum trocado. Este, com pena e com medo de dar o dinheiro, ofereceu-lhe um emprego de dois meses. Diego agradeceu-lhe imensamente, perguntou se o novo patrão tinha algum curativo e remédio para dor e, assim que se tratou, começou a trabalhar.

Dois meses depois, o rapaz sem querer, com um esbarrão, jogou álcool na máquina, que começou a pegar fogo rapidamente. Tentou apagar as chamas, mas elas se espalhavam cada vez mais e acabou ficando preso pela cortina de fumaça. Começou a gritar com muita dificuldade pedindo socorro.

Enquanto isso, Rafael, rapaz de 19 anos e morador do bairro, estava caminhando pela praia e reparou na fumaça preta que vinha de umas duas quadras dali. Resolveu ver o que estava acontecendo e logo que chegou percebeu que vinha de uma pizzaria e que havia um garoto lá dentro. Mesmo sem conhecê-lo, entrou e carregou-o nos ombros. Precisou pular o fogo e as madeiras que caíam do teto, e acabou caindo no chão, mas logo se levantou e conseguiu sair do prédio. Levou o jovem inconsciente até a ambulância que acabava de chegar ao local com o carro de bombeiros, e partiram para o hospital.

Rafael logo recebeu alta, pois seus ferimentos eram leves, entretanto o outro não tivera a mesma sorte e se encontrava em coma. Assim que soube da notícia, ficou

muito triste e logo foi visitar o socorrido. Passou a visitá-lo sempre que podia, pois não conseguia acreditar que tudo o que fizera fora em vão.

Oito meses depois, Diego finalmente acordou e, após alguns dias, recebeu a visita de seu salvador, a quem perguntou:

— Foi você que me salvou daquele incêndio?
— Fui eu sim, companheiro.

Diego agradeceu a Rafael de coração e falou que faria tudo para ele, pois ele salvara sua vida. Este, muito agradecido e feliz pelo garoto, convidou-o a ir até sua casa no dia de sua alta no hospital.

Mal sabiam eles que o mesmo homem mascarado que seguira tempos atrás Diego estava à espreita e os seguiu. Anotou o endereço do garoto boa pinta e descobriu que era de família rica, muito rica. Foi até seu chefe na favela e passou-lhe as informações necessárias para uma invasão bem sucedida.

Poucos dias depois, Rafael descobriu que Diego era da Rocinha e que seus pais haviam morrido baleados quando era pequeno. Ficou assustado com as informações e começou a se distanciar, refletindo que ou ele estava em uma furada com bandido ou ele estava sendo enganado. Sempre que o amigo ligava, dizia que estava ocupado ou não atendia.

Certa noite, os capangas da Rocinha seguiram com o mascarado para finalmente invadirem a tal casa. Entraram com fuzis e metralhadoras destruindo tudo ao seu redor. Renderam a família de Rafael e, logo em seguida, os mataram. Rafael estava no quarto e, ao ouvir tudo, pulou a janela, mas foi seguido pelo mascarado. Diego passava por ali quando viu o amigo ser atingido nas costas e cair no chão quase morto. Sirenes de polícia começaram a serem ouvidas e os bandidos dispersaram. O garoto foi com o amigo ao hospital, chorava muito e rezava para que ele não morresse. Depois de quatro horas de cirurgia recebeu a triste notícia de que Rafael não havia resistido. Transtornado, prometeu vingança. Foi até o chefe do tráfico da Rocinha e, por ser apenas

um moleque de 15 anos, nem lhe deram muita atenção. Quando ia sair da sala, Diego conseguiu agilmente puxar um canivete e matar o líder. Pegou sua arma e começou a atirar em todos, inclusive no mascarado. Realmente era difícil de acreditar que aquele menino havia conseguido matar toda a gangue da Rocinha, mas sua sede de vingança era maior que tudo.

A polícia foi acionada e, quando chegaram, não acreditaram no que viram. O jovem contou tudo, sem remorso ou medo.

— Os caras que eu matei eram da boca... Assassinos, criminosos.

— Nós sabemos... Por isso não se preocupe, pois nada acontecerá a você. Haverá processo, investigação, mas acredito que tudo será levado em consideração. Por ora, stá liberado.

— Obrigado, policial.

Antes de sair, Diego puxou a máscara daquele que só lhe causara tristezas na vida. Era um amigo de infância, que tomara um rumo totalmente diferente do seu quando começou a se drogar.

Apesar desse trauma, o rapaz tocou sua vida sempre trabalhando honestamente e hoje vive bem e feliz.

Ramon e Pedro Arthur

Direito de vida

Não tinha como eu prever isso.

Não tinha como eu saber que eu morreria assim. Se eu soubesse, eu teria feito tantas coisas, mas o mundo é cruel, eu deveria ter prestado mais atenção nessa frase quando eu a ouvi pela primeira vez.

Algumas horas antes:

— Até amanhã!

— Até!

Ele tinha acabado de sair do trabalho, eram 22h38min e voltava para casa depois de um longo dia de estudo e trabalho. Um adolescente de quase 18 anos, que só estava querendo ganhar um pouco de dinheiro para ajudar sua mãe com a casa. Ela já era viúva há quatro bons anos. Ele tinha uma namorada, era inteligente e já tinha praticamente toda a vida planejada na cabeça: queria ser repórter.

Mas na vida sempre acontecem imprevistos, e o que a vida lhe reservara não era fácil de resolver, na verdade, era realmente impossível.

O caminho de volta estava tranquilo, ele pegou o celular e mandou uma mensagem para a namorada dizendo que eles poderiam se encontrar no dia seguinte. Continuou a conversar por um tempo até ouvir o som de passos. Continuou a mandar mensagens, mas agora caminhava alerta.

Como os passos não cessaram, decidiu apressar a caminhada, o que foi feito também pela pessoa logo atrás dele. Guardou o celular e saiu correndo, pois já estava claro que estava sendo seguido. Tinha medo de olhar para trás e começou a se desesperar, pensou em tudo que poderia ter feito de errado para alguém, uma mísera coisa que fosse, mas não conseguiu pensar em nada que o levasse a passar por aquilo.

Então começou a ouvir mais passos. Havia mais gente. Ele já estava se cansando, sabia que não aguentaria correr mais por muito tempo. Depois de alguns minutos correndo, ele finalmente parou em uma rua mal iluminada e vazia, já que ninguém se atrevia a ficar na rua de noite naquela parte da cidade. As pessoas que estavam atrás dele o cercaram, um homem mais alto se aproximou dele.

— Você é o Thiago Reis, certo?

— S-Sim, sou eu. — ele ficou encarando o homem intensamente, tentando lembrar se já tinha o visto em algum lugar, mas nada veio em sua mente. — Como posso ajudar?

O homem deu mais um passo em sua direção. O adolescente se encolheu um pouco, ele estava realmente assustado naquele momento.

— Já que você perguntou, você pode nos ajudar sim. Pague suas dívidas agora, antes que o pior aconteça.

Dívidas? Ele não fazia ideia do que aquele homem estava falando.

— Me desculpe, mas eu realmente não sei do que você está falando. — ele se encolheu mais um pouco. O homem começou a rir ameaçadoramente, se aproximando um pouco mais, enquanto Thiago recuava aos poucos.

— Não se faça de inocente, você já está enrolando a gente faz meses, falando “eu vou pagar, pode deixar, esperem mais um pouco”, e nessa brincadeira de esperar já se passaram 6 meses. O chefe já perdeu a paciência. — 6 meses? Ele não se lembrava de nada.

— Eu acho que vocês vieram procurar a pessoa errada, me desculpem, eu não tenho nenhuma dívida com vocês. — ele criou coragem e finalmente falou,

não esperando uma boa reação, claro.

O homem foi um pouco pra trás e logo depois gritou para os seus colegas:

— Vocês ouviram isso? Ele está achando que vai se dar bem dessa vez tentando enrolar a gente. — todo mundo começou a rir, enquanto o rapaz começava a entrar em pânico. — Para você saber, o chefe deu cartão verde pra nos livrarmos de você, você já irritou muito ele, sabe.

O homem voltou a se aproximar e o agarrou pelo colarinho. Thiago não sabia mais o que fazer, estava pensando em simplesmente aceitar o seu destino, mas resolveu tentar insistir mais um pouco.

— Eu estou falando sério! Eu nunca pedi dinheiro pra vocês, eu até trabalho duro todo dia pra ganhar o meu próprio salário, eu não apelaria para empréstimos. — ele encarou o homem intensamente. — Por favor, me deixem ir.

Nesse ponto ele já estava quase chorando, quase desistindo. O homem abaixou a cabeça e deu um suspiro, isso aumentou um pouco a esperança do jovem, mas ele não esperava que o homem tivesse uma arma, e que resolvesse usá-la naquele momento. O homem puxou-a e apontou-a para o seu coração, que começou a acelerar.

— Está levando a sério agora? — o homem disse totalmente sem emoção, olhando profundamente nos olhos de Thiago tentando achar algum traço de que este ia ceder.

— E-Eu realmente não tenho nada a ver com isso e mesmo se tives... — o homem pressionou mais a arma contra o peito do jovem, que fez com que ele fechasse os olhos por um instante.

— Eu já te dei muitas chances, não acha? O chefe até foi bem generoso com você, te dando tanto tempo assim. — ele afastou um pouco a arma, aumentando

as expectativas, que não duraram muito. — Para seu azar, nós já perdemos a paciência. Então...

— Por favor! Não, me deixe ir, por fav... — o garoto já estava chorando e implorando de joelhos, ele não queria acreditar que ia acabar ali.

— Tsk, tsk... Garoto chato. Acabou, ok? — ele o empurrou.

— NÃ... — Thiago tentou fugir, mas não teve tempo, ele já puxara o gatilho.

O garoto caiu no chão colocando a mão sobre a barriga, que fora atingida. Levou a mão ao rosto e viu que estava cheia de sangue. Ficou desesperado e viu os homens indo embora, como se nada tivesse acontecido, como se não tivessem feito nada de errado. Não conseguindo se levantar por já ter perdido muito sangue, ficou sentado no chão olhando-os se distanciarem enquanto pensava.



“É nesse tipo de mundo que vivemos, cruel, imprevisível, onde as pessoas são egoístas e não ligam para os sentimentos das pessoas.”

De repente, sentiu-se triste ao se lembrar de que tinha pessoas que realmente gostavam dele, ficou imaginando como elas se sentiriam depois que descobrissem que ele não poderia mais estar com elas. Nunca mais.

Foi com esse pensamento que ele começou a fechar os olhos lentamente, lembrando-se dos momentos mais felizes de sua vida. Até que finalmente os fechou completamente e “dormiu”, esperando não acordar nunca mais.

Ele ouviu uma voz no fundo de sua mente, mas bem no fundo mesmo, dizendo:

— Você não deve morrer ainda, pobre rapaz. Faça o que deve fazer, viva!

Ele abriu os olhos e levantou bruscamente. Deu uma olhada em volta, parecia um quarto de hospital. Avistou um relógio e viu a hora: 22h46min. “Como eu vim para um hospital tão rápido?”

Estava olhando tudo ao seu redor ainda confuso, pensava que tinha morrido, pois não tinha ninguém por perto para socorrê-lo quando foi baleado. Olhou por dentro da blusa do hospital, mas não viu nenhum sinal de que tivesse levado um tiro e ficou mais perplexo ainda. Nesse momento, a porta do quarto abriu e entrou um casal chorando seguido de um médico. Eles entraram e se viraram para o doutor, não olhando para o garoto acordado na cama.

— Ele não pode ter morrido, por favor, faça alguma coisa. — a mulher disse aos prantos, apoiando-se no marido. O marido tentava acalmá-la.

— Eu sinto muito mesmo, mas nós não podemos fazer mais nada, ele teve morte cerebral. Eu sinto muito. — o médico disse e finalmente olhou para o garoto, que estava olhando intensamente com um olhar confuso e inocente.

O médico não podia acreditar no que estava vendo e se apoiou na parede, ainda olhando para o garoto. A mulher percebeu a expressão assustada do médico e seguiu seu olhar. Quando viu seu filho acordado, olhando-a assustado, saiu correndo seguida de seu marido e chorando cada vez mais. Ela se sentou na cama e botou as mãos no rosto do garoto, sorrindo.

— Você está vivo! Meu filho querido, não me assuste mais assim! — ela abraçou o garoto, que não entendia nada do que estava acontecendo.

— Você realmente nos deu um susto, nós achamos que nunca mais iríamos vê-lo. — o homem disse e se sentou do outro lado da cama olhando para o garoto.

— Me desculpe, mas... Eu conheço vocês? — os dois adultos ficaram sérios e olharam um para o outro com preocupação.

A mulher virou para o garoto.

— Você não se lembra de nós? Nós somos seus pais. Você veio para cá depois de sofrer um acidente de carro. Como já tinha perdido muito sangue quando o socorro chegou, todo mundo achou que você já estava morto. — a mulher explicou para ele calmamente.

Ele começou a olhar para o nada, tentava buscar em sua mente cenas do passado, mas tinha certeza de que levava um tiro e não que tinha sofrido um acidente de carro.

— Tem certeza de que estão no quarto certo? Eu não me lembro de ter sofrido um acidente. — ele olhou nos olhos da mulher que dizia ser sua mãe.

— Você não se lembra de nada? Nem do seu nome?

— Do meu nome eu lembro, meu nome é Thiago. — ele olhou inocentemente para a mulher, que agora parecia ainda mais preocupada.

— Querido, seu nome é Henry e você tem 21 anos.

Você trabalha como repórter há um ano. — a mulher disse segurando sua mão. — Tente se lembrar, por favor.

Ele tentou entender o que estava acontecendo, até que houve um click em sua cabeça. Passou a olhar em volta como se procurasse algo.

— Vocês têm algum espelho? Pode ser o celular... — começou a ficar nervoso.

A mulher lhe deu seu celular com a câmera aberta. E então ele viu. não era seu rosto. Seus olhos se arregalaram, mas antes que voltasse a entrar em pânico lembrou-se do que ouvira antes de “morrer”. Mas como aquilo era possível? Cientificamente era impossível.



Ele se acalmou um pouco e começou a pensar no que poderia fazer. Já que tinha ganhado mais uma chance, ele faria valer cada minuto.

— Me desculpem por não me lembrar de nada, eu vou tentar me lembrar... Então, por favor, me deixem ficar com vocês. — ele sorriu e olhou para os dois.

A mulher pareceu meio surpresa, mas logo deu um

sorriso e concordou com a cabeça.

— É claro que vamos deixar você ficar, você ainda é nossa família. — Eles olharam um pouco um para o outro. — Bem, já que você aparenta estar bem, vou pedir ao médico que lhe dê alta, para podermos ir para casa logo.

Eles se viraram para o médico, que ainda estava lá parado sem saber como tudo aquilo havia acontecido. Este finalmente voltou a si depois de perceber que todos olhavam para ele.

— Ah sim, claro, a alta. Já volto, vou só conferir algumas coisas. — disse o médico ainda atônito.

Por volta da meia-noite, os três saíram do hospital e foram direto para casa. Quando chegaram, o garoto ficou impressionado, pois era uma grande e bela residência.

— Uau, eu moro aqui? — disse olhando tudo em volta. A mulher riu um pouco.

— Sim, você mora sim. Venha, me siga, vou te mostrar seu quarto, pois acho que você se esqueceu dele também... — falou dando uma piscadinha.

Mais uma vez ele ficou impressionado. Seus “novos” pais falaram que lhe dariam um tempo para tentar reorganizar seus pensamentos e para descansar, por isso o deixaram sozinho no quarto.

O garoto deu uma olhada em volta e viu alguns jornais, cadernos e livros em uma escrivaninha. Ele se aproximou, ligou a luminária e começou a ver e mexer em tudo e pensou, “É verdade, agora eu sou um repórter”, e ficou feliz subitamente por ter tido aquele pensamento. Começou a ler alguns livros que estavam no quarto para se inteirar sobre o assunto e poder fazer um bom trabalho.

Depois de um tempinho lendo, saiu do quarto e foi falar com seus pais, que ainda conversavam entusiasmados

na sala. Ele se aproximou e sentou casualmente perto dos dois, que logo lhe perguntaram:

— O que foi, filho? Precisa de ajuda? — disse o homem. — Pode nos perguntar qualquer coisa, nós o conhecemos melhor do que ninguém.

— Vocês podem me contar um pouco como eu era?

Os dois sorriram. Sabiam que a caminhada seria longa, pois seu filho acabara de renascer.

— Bem, você era um garoto alegre e brincalhão, mas que sabia que tinha hora pra tudo. Era impressionante como você conseguia ficar sério quando focava em algo que queria muito, como quando você decidiu ser repórter... Você pediu para que eu comprasse todo tipo de livro para você. — a mulher disse e deu uma pequena risada.

A conversa prosseguiu tão agradável, que nem viram o tempo passar.

— A conversa está realmente muito boa, mas eu gostaria de ir trabalhar amanhã. Vocês podem me dizer que horas ele começa?

— Mas você já quer trabalhar? Não está cansado? — disse o homem olhando para o garoto, que lhe respondeu sacudindo a cabeça para os lados.

O homem deu um suspiro sorrindo e respondeu:

— Começa às oito da manhã, acha mesmo que pode?

— Claro que posso! — ele se levantou bruscamente. — Se me permitem, vou dormir até onde o meu horário me autoriza.

Acordou por volta das seis e meia da manhã, arrumou-se, e seu pai fez questão de levá-lo no seu novo primeiro dia.

Chegando ao endereço indicado, ficou maravilhado com o tamanho do prédio, nem conseguia acreditar que passaria a trabalhar ali. Despediu-se do pai e logo

entrou no prédio, que estava com um alto movimento de pessoas saindo e entrando. Foi até o balcão pedir uma informação.

— Com licença...

— HENRY? ME DISSERAM QUE VOCÊ TINHA MORRIDO! — a mulher que estava no balcão nem deu tempo para ele responder e já começou a falar bem alto assustada, chamando a atenção de todos que ele supunha também terem ouvido a notícia.

— Foi só um erro, ainda bem. Mas eu não consigo me lembrar de nada, por isso vim perguntar em que setor e andar eu trabalho, me desculpe... — ele deu uma risada fraca, enquanto a mulher ainda tentava processar tanta informação.

— Setor de Redação, andar 6. Seja bem vindo! — disse apontando para o elevador.

— Obrigado! — ele deu um sorriso e se afastou, enquanto as pessoas que estavam no balcão voltaram a conversar aliviadas por saber que o colega de trabalho estava vivo.

Ele chegou ao sexto andar, foi até uma porta grande e a abriu, chamando a atenção de todos que já estavam trabalhando lá dentro. Um rapaz parecia mais surpreso que o resto, e logo levantou e foi correndo em sua direção. Olhou bem pra ele, virando-o de um lado para o outro e depois voltando a olhar em seus olhos.

— Você está vivo?! Seu pai nos disse que você tinha morrido depois de sofrer um acidente de carro! — o rapaz disse eufórico.

Com o susto, Henry tinha dado uma recuada.

— Foi só um engano, eu estou bem. Mas eu não consigo me lembrar de nada. Você parece me conhecer bem, pode me ajudar?

O garoto ainda o olhava descrente, mas logo ficou feliz.

— Claro que posso! Eu sou seu melhor amigo, Andrew, eu sou o que mais te conhece aqui. Se você conseguiu chegar até aqui, já deve saber pelo menos com o que trabalha. — ele deu uma olhada no relógio. — Agora nós temos uma reunião. Quer ir também? Eu te ajudo no que você precisar. — Henry concordou com a cabeça e logo seguiu o agora melhor amigo para a sala de reunião.

Assim que entrou, todos ficaram surpresos e ele precisou explicar toda a confusão, que havia sido só um erro médico. Em seguida o chefe entrou e todos ficaram quietos. Começaram a apresentar os assuntos que tinham para a semana, até que um em particular chamou sua atenção, era o que seu amigo tinha apresentado. Era sobre o corpo de um jovem que havia sido encontrado morto com um tiro na barriga, de madrugada em uma pequena rua um pouco afastada. Ele levantou a mão e pediu para pesquisar sobre aquilo em parceria com o amigo. O chefe concordou e logo depois que a reunião acabou eles começaram a conversar.

— Nós podemos nos dividir. Vamos juntos à cena do crime, depois você pode ir ao funeral, que será hoje mais tarde, pra ver se consegue algum material, enquanto eu começo a agitar o material na Redação. — Andrew disse indo em direção ao elevador, sendo seguido por Henry, que só estava pensando em como estariam as pessoas que ele tanto amava vendo a cena terrível de seu corpo sem vida.

O amigo notou que ele estava confuso e pensou em perguntar algo, mas acreditava que depois de tudo que passara no hospital, deveria ser normal ficar desorientado numa situação daquelas, então eles seguiram seu caminho em silêncio até chegar ao local do crime. Era o mesmo lugar em que ele levara o tiro, e isso o fez ficar triste de repente.

— Vamos dar uma olhada e depois nós voltamos, você parece desconfortável.

Henry só conseguia seguir o amigo de tão perturbado

que estava com algumas lembranças que surgiam em sua mente. Em seguida foram conversar com alguns policiais.

De tarde, foi até o funeral e ficou espantado, pois não pensava que haveria tantas pessoas. Ele deu uma olhada em volta e viu as únicas que ele ainda não queria encontrar. A mãe e a namorada, Helena. As duas estavam chorando perto do caixão. Ele se aproximou delas, que logo olharam para ele.

— Você é...? — sua mãe o olhou com os olhos marejados, fazendo-o ficar triste.

— Eu era amigo do seu filho, eu o ajudava com algumas coisas relacionadas à reportagem, pois ele me disse que queria ser repórter um dia. — foi a única desculpa que conseguiu pensar.

As duas pareceram entender a situação e logo sorriram para ele.

— Você devia gostar mesmo dele se conseguiu descobrir esse lugar. — a mãe disse se aproximando mais e pegando suas mãos, ele sorriu.

— Eu também vim aqui para investigar, falar com os parentes, pessoas próximas para ver se alguém pode ajudar. Sei que o momento não é dos melhores, mas quanto antes, mais fresca é a memória das pessoas. — ele continuou conversando com as duas e sempre tomando cuidado para não falar nada estranho.

Depois de um tempo, começaram a chegar mais pessoas, inclusive um primo que ele não via há algum tempo e com quem pouco conversava. Henry ficou o olhando, pois parecia meio estranho, com um ar muito suspeito. Ele o viu se aproximar do caixão e começar a murmurar alguma coisa, por isso chegou perto discretamente para tentar ouvir.

— Me desculpa, primo. Eu não achei que chegaria a esse ponto. Nunca pensei que a próxima vez que eu te veria seria desse jeito.

Henry começou a ficar mais desconfiado, aproximou-se e botou a mão em seu ombro.

— Eu ouvi você falando alguma coisa. Pode me contar o que você estava falando? Você parece estar precisando desabafar. Fica tranquilo, não sou ninguém suspeito, era muito amigo do Thiago. — Ele deu um sorriso para o primo, que se sentiu mais confortável.

— Tudo bem, eu te explico. — eles foram se sentar em uma mesa mais afastada da comoção. Henry botou o celular para gravar a conversa discretamente. — Eu estava precisando de dinheiro para pagar uma dívida com o banco, então eu fui pedir um empréstimo para um agiota, mas eu não usei o meu nome, usei o dele. — ele disse olhando para o caixão.

Henry estava processando a informação, quando finalmente a ficha caiu. Ele ficou olhando para o nada com os olhos arregalados sem acreditar no verdadeiro motivo que o fizera morrer. Tudo porque aquele maldito primo, com quem ele mal falava, usara o seu nome.

Enquanto tentava colher mais informações, avistou sua namorada sentada sozinha, chorando. Ele pediu licença e se levantou, indo até ela para confortá-la. Eles conversaram um pouco e antes de se despedir lhe deu o seu número de celular.

— Se precisar de alguma coisa ou de alguém com quem desabafar pode falar comigo, esse é meu número de telefone. — Ela pegou o papel e agradeceu.

Ele voltou para o escritório e encontrou o amigo, que estava olhando a imagem das câmeras do local do crime. Sentou-se ao seu lado e ficou olhando para o nada, com a mente completamente em branco. O amigo o interrompeu de seu transe.

— Conseguiu alguma coisa? — falou sem desviar sua atenção das filmagens.

Henry apenas colocou seu celular ao lado do teclado com o arquivo de áudio aberto. O outro finalmente

parou de olhar para a tela do computador, virou-se para o amigo ainda estranho, pegou o celular e começou a ouvir o áudio.

— Como você conseguiu? E como foi que ele te contou isso?

Henry finalmente olhou para o amigo e disse:

— Ele estava agindo um pouco estranho, eu me aproximei dele e falei que poderia desabafar... Ele realmente estava muito tenso, e logo se sentiu confortável e me contou tudo isso.

— E porque você está desse jeito? Você conseguiu um baita furo de reportagem e está com essa cara de fantasma...

— Por que as pessoas fazem isso com as outras???

— falou exaltado, buscando realmente uma resposta.

O amigo ficou em silêncio, não sabendo o que responder...

— Não sei, Henry, não sei...

O amigo mandou-o voltar para casa e descansar um pouco, e disse que quando avançasse ou descobrisse mais alguma coisa o chamaria.

Ele chegou em casa e foi direto para seu quarto. Deixou a mochila cair no chão e se jogou na cama, estava exausto e adormeceu pensando nos acontecimentos agitados do dia. Acordou só no dia seguinte, às dez horas da manhã, com o toque do celular. Viu quem era e logo atendeu levantando da cama. Era Helena.

— Alô?

— Você... quer dar uma saída? Eu preciso me animar um pouco. — disse Helena meio triste.

— Quero sim, vamos passear um pouco no parque. Te vejo em meia hora.

Eles passaram um dia bem agradável, conversaram sobre suas vidas, sobre o ex-falecido-ele e coisas aleatórias. Era estranho para ela, mas Henry lhe trazia boas lembranças de Thiago e ele só tinha a agradecer por estar tendo uma nova oportunidade de se reaproximar dela.

Enquanto a deixava em casa, recebeu uma ligação de Andrew, dizendo que tinha descoberto quem eram as pessoas e para se encontrarem na delegacia. Ao chegar, viu que o amigo já conversava com o delegado, aproximou-se e os dois cumprimentaram-no. Andrew lhe entregou uma folha, era a notícia. Pediu para que entregasse para o chefe do setor e voltasse depressa com a equipe para filmarem a notícia, pois a polícia começaria uma operação. Como haviam ajudado bastante na solução do caso, teriam exclusividade na matéria.

Quando voltou para a delegacia com a equipe, todos já estavam preparados. Eles saíram logo atrás da polícia e foram até o lugar onde supostamente era a sede da gangue. Assim que entraram, as recepcionistas levantaram para impedir sua entrada, mas o delegado mostrou seu distintivo e as mulheres não tiveram outra saída senão recuarem, permitindo que entrassem.

Nesse momento o jornal já estava sendo transmitido e já havia sido noticiada a primeira parte da matéria: a de que um jovem morrera por ter sido confundido com um primo que usava seu nome para pegar empréstimos. Nas investigações descobriram que Thiago não tinha sido o primeiro a ter aquele fim.

O chefão e toda a sua gangue conseguiram ser pegos e tudo foi transmitido ao vivo por Henry e Andrew. Também obtiveram cobertura exclusiva para a semana do julgamento e todos foram punidos justamente pelos seus atos.

Depois de mais algum tempo, o jovem conseguiu se acostumar com sua nova vida, reaproximou-se de seus antigos amigos e também conheceu os de Henry. Passou a visitar sua mãe e também construiu uma relação saudável com seus novos pais. Ele e Andrew viraram bons amigos e em relação a sua namorada, bem, eles foram ficando cada vez mais íntimos. O que ele queria fazer era com que ela esquecesse o quanto já sofrera por ele um dia, ele queria poder recomeçar e fazê-la feliz com sua nova identidade.

E estava conseguindo.

Ana Clara, Ana Luiza, Davi, Francisco e Giovanna

Expediente

Editoria e revisão: *Ivi Barile e Mônica Scheer*

Autoria dos textos e ilustrações: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos de 2016 - Aldeia Curumim*

Design e diagramação: *Bernardo Nemer*

Capa: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos de 2016 - Aldeia Curumim*

Apoio institucional: *Marcelo Cantarino Gonçalves*



www.aldeiacurumim.com.br



ALDEIA CURUMIM

www.aldeiacurumim.com.br